

## Por dentro da história...

Prof. Alexandre Visconti traça um retrato dos momentos que antecederam a Estadualização da FAENQUIL

Alexandre Visconti era funcionário da Fundação Centro Vale de Pesquisas Químicas e Industriais (FCVPQI) desde 1976, que logo depois, em 1978, se transformou na FTI-Rio. Em 1983, foi transferido para Lorena para dar suporte ao funcionamento das novas usinas de álcool da FTI. Em 1990, foi eleito oficialmente, mediante votação nos dois campi, como representante geral dos empregados da FTI-Lorena junto à Diretoria. As verbas para o pró-álcool, principal base de sustentação dos projetos da Instituição, escasseavam cada vez mais. Houve uma aproximação do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Lorena para se obter representação oficial, legal, nas reivindicações da FTI-Lorena, na época, dividida e descrente, tanto é que alguns já estavam sendo demitidos e outros desistindo da FTI, pois parte da casa achava mesmo que era o fim da Instituição.

Hoje, quase 20 anos se passaram e os funcionários da casa ainda vivem momentos de apreensão em relação ao futuro profissional. Em carta enviada aos companheiros de seu departamento o Prof. Alexandre lembra de momentos parecidos vividos pela Instituição. Eram outros tempos aqueles.

*“... Lembro-me de importante e tumultuada reunião em que um dos Diretores de um dos campi chegou a afirmar categoricamente que nós não iríamos conseguir estadualizar a FTI, nosso objetivo final, pois a filosofia do Governo Federal era, exatamente, de fazer o contrário, no que ele até tinha absoluta razão: a orientação fechada do então Presidente da República Fernando Collor de Melo era de federalizar tudo.*

*Nesse turbilhão de acontecimentos negativos, que se agravava dia a dia, e evidentemente, que a casa não tinha a mínima condição de se unir e se organizar para conseguir o que quer que seja e, nessa ocasião, o campus II, num ato simbólico de ruptura e independência, resolveu eleger, extra oficialmente, o seu próprio representante dos empregados para lutar pelo que eles acreditavam, já que os seus anseios não se coadunavam com o resto da casa. O funcionário eleito foi o funcionário Bento Ferreira, que todos conhecem. Acontece, que o tiro saiu pela culatra, pois o Bento não se alinhava exatamente com o pensamento de parte dos funcionários do campus II e, por isso, além de não batermos de frente, pelo contrário, nos tornamos bons amigos (até hoje) e começamos a lutar juntos pelo que acreditávamos - a estadualização da FAENQUIL, não importando o modo.*

*Conseguimos, finalmente, o apoio do Sindicato de Lorena e ainda conseguimos nos alinhar com o Partido dos Trabalhadores de Lorena, PT, onde fomos buscar apoio político, o que desagradou ainda mais o outro lado, que queria que a passagem para o Estado, se ocorresse, fosse feita apenas pelos méritos científicos e tecnológicos da casa, um purismo incompreensível naquela altura dos acontecimentos.*

*Na época, a coisa endureceu tanto que, numa ocasião, cheguei até a ser admoestado veementemente em público, num supermercado, por um funcionário, dedo em riste, como se eu estivesse fazendo algo abjeto, abominável. Em outras ocasiões, tive que discutir com outros funcionários, em tom irônico ou debochado, tudo isso, para vocês sentirem bem como estava o clima naquela época, muito acirrado, nervoso, pois havia a iminência real ou a sombra de um fechamento definitivo da Instituição.*



*Finalmente, a situação piorou de tal forma que chegamos a ficar dois*

*meses e meio sem receber os proventos, ou seja, havíamos chegado ao fundo do poço, como se diz, e alguns empregados continuavam a ser demitidos e outros a pedirem as suas contas (hoje, sabemos que a maioria se arrependeu amargamente e felizmente, alguns conseguiram voltar).*

*Lembro que, para sobreviver, tive que vender minha moto, uma CG-124, e felizmente, minha esposa ainda trabalhava na Haironville de Lorena, o que salvou a pátria lá em casa.*

*As reuniões eram muito exaltadas e finalmente, ficamos sabendo de uma ordem do ex Diretor Geral de toda a FTI para que os escritórios regionais do Rio, BH e Brasília e os campi de Lorena fossem sendo fechados, pois logo não haveria mais verbas. Decidimos, então, em assembléia geral, permanecer e resistir até o fim, pois sabíamos naquela altura que, se abandonássemos o barco e os portões fossem fechados, estes não mais reabririam. Resolvemos também reagir, contra-atacar, ao invés de permanecermos à mercê da situação e ao final daqueles dois meses e meio sem os salários, decidimos dar um ultimato ao nosso Diretor Técnico, na época, o Prof. Felipe Aquino, e a partir de uma assembléia realizada no dia 06 de março de 1991, decidimos que entraríamos em greve geral sem abandonar os campi, paralisação total, inclusive da Faculdade, que era particular, portanto, paga pelos alunos.*

*Em função disso, no dia 15 de março de 1991, foi realizada uma nova assembléia geral para firmar um Acordo Coletivo de Trabalho entre empregados e a diretoria, cuja minuta possuo e cuja cópia, se encontra arquivada junto à documentação histórica da EEL.*

*Neste acordo, que foi fundamental para a FTI, ficaram acordados entre os empregados e os Diretores Técnico e Administrativo da FTI os seguintes termos:*

- A) Apesar do atraso do pagamento acima referido, (janeiro e fevereiro de 1991), os trabalhadores não mais entrarão em greve.*
- B) A diretoria da FTI se compromete a efetuar o pagamento integral do mês de janeiro e parte do mês de fevereiro até o dia 15 de março de 1991, devendo pagar o restante de fevereiro até o final do mês de março (por isso ficamos mais de dois meses sem salários).*
- C) A diretoria da FTI garantirá para todos os empregados constantes da folha de pagamento do mês de março de 1991, estabilidade funcional a contar da data da assinatura*

*deste acordo até a publicação em Diário Oficial da Estadualização da Fundação de Tecnologia Industrial pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (já havia algumas gestões nesse sentido).*

*D) A FTI autorizará, após a assembléia de aprovação deste documento pelos trabalhadores, o livre acesso ao Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Lorena e Piquete (S.T.I.Q.F.L.P.), às suas dependências para registro dos empregados da FTI no quadro de sócios desde mesmo sindicato.*

*E) A assembléia será realizada no dia 15 de março de 1991, e sua ata assim como o registro de presença dos empregados da FTI comprovando a aceitação deste acordo, farão parte do presente documento, que terá validade à partir desta data e segue assinado em três (3) vias. Lorena, 15 de março de 1991. Assinaram o acordo: Felipe R.Q. de Aquino; então*

*Diretor Técnico da FTI; eu, Alexandre E. S. Visconti que era o Representante dos trabalhadores da Instituição; o Senhor Sergio Ballerini que era Diretor de Administração da FTI e o Senhor Miguel Marcondes na época Presidente do S.T.I.Q.F.L.P.*



Guararema, 1991: Na ocasião da inauguração da Rodovia Carvalho Pinto, foi organizada uma passeata com 400 pessoas onde funcionários e alunos da FAENQUIL se uniram para protestar e pressionar o Governador da época a estadualizar a Instituição.

*Gostaria de destacar o seguinte:*

*- Em média, mais de 95% dos funcionários da casa que participaram das assembléias que realizei em minha gestão como representante dos trabalhadores, inclusive, esta última mais importante, da efetivação do acordo coletivo de trabalho, eram de técnicos e técnicos administrativos.*

*- O funcionário Bento,*

*por motivos que ignoro até hoje, mas, imagino, pois ainda havia forte ala dissidente, não pode comparecer à assembléia e por isso, não assinou também o acordo.*

*- A partir desse memorável acordo, os empregados, estando com o emprego e os salários garantidos até a estadualização ou não da FTI, se uniram cada vez mais em prol do grande objetivo comum: se organizaram em caravanas de ônibus até os políticos e junto à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, conseguindo, finalmente, no segundo semestre do mesmo ano, que a FTI fosse estadualizada politicamente e contra toda a corrente Federal ou mesmo, interna da casa.*

*- A Faculdade passou a ser gratuita, o que atraiu cada vez mais alunos e viabilizou cada vez mais as pesquisas e o polo de Lorena, a ponto de ser finalmente almejado pela grande USP... “*

Alexandre E. S. Visconti – 12 de março de 2011